

Ensino de artes e pertencimento no ambiente escolar: uma experiência de estágio no Ensino Médio

OLIVIA DE ALMEIDA SOARES¹; MARISTANI POLIDORI ZAMPERETTI²

¹Universidade Federal de Pelotas – livvsoares@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – maristaniz@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Busco, para essa pesquisa, investigar a possibilidade da quebra da dicotomia ser-humano/mundo dentro do ambiente escolar, abarcada pelos estudos da fenomenologia e sua capacidade em abarcar temas ambientais em sala de aula. Ou seja, explorar quais são as estratégias em ensino de arte que podem ser utilizadas para estreitar os laços do estudante com a escola e com os outros seres que habitam esse espaço. Fazer com que a escola seja paisagem para a construção de verdadeiras experiências que muitas vezes deixam de ocorrer no cotidiano por falta de tempo e excesso de informações e estímulos do mundo contemporâneo (LAROSSA, 2002).

Este resumo traz consigo aspectos de uma pesquisa inicial, em que os dados coletados e produzidos serão utilizados em meu Trabalho de Conclusão de Curso. É importante atentar que parte desses dados estão sendo elaborados em uma experiência de estágio que está sendo executada durante a disciplina de Estágio Supervisionado em Artes Visuais II no curso de graduação de licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). O estágio em questão é realizado em uma escola estadual no município de Pelotas/RS, onde acompanharei uma turma do segundo ano do Ensino Médio. Logo, por se tratar de uma pesquisa em andamento, seus resultados são preliminares.

A temática da pesquisa surge no momento em que paro para refletir na maneira em que a arte e o ensino da arte me movimentam enquanto pessoa e futura educadora. Durante este período, pude perceber o quanto a arte foi essencial para que eu pudesse me relacionar com o meio ambiente de uma forma sensível e consciente. Logo, em minha prática docente procuro utilizar de referências artísticas, não apenas para dialogar com os interesses e desejos dos estudantes, mas para tentar fazer com que eles voltem seus olhares, sensibilizados e movidos pela arte, para o mundo ao seu redor, promovendo a construção do conhecimento enquanto uma experiência transformadora com o meio em que se vive. Tenho a construção do pertencimento ao ambiente como força orientadora de minha atividade docente e, através da educação estética, tornar sensível o que Merleau-Ponty chama de carne, desenvolvendo essa “continuidade entre o corpo humano e a carne do mundo” (CARVALHO; GRÜN; AVANZI, 2009).

2. METODOLOGIA

Para além de uma revisão bibliográfica acerca dos temas investigados, o desenvolvimento do trabalho se dará principalmente por meio de uma pesquisa cartográfica¹ realizada em ambiente escolar, amparada pelos estudos de

¹ Cabe esclarecer que o método cartográfico em questão é uma apropriação feita por Deleuze e Guattari da cartografia utilizada na área de conhecimento da geografia (CHARRÉU, 2019, p. 93).

Charréu(2019) sobre as contribuições desse método para a Investigação Educacional Baseadas nas Artes (IEBA). Em consonância, serão utilizadas as investigações de Barros e Kastrup (2009) acerca da produção de dados em cartografia. De acordo com Charréu (2019), métodos cartesianos de pesquisa, muito utilizados pela comunidade acadêmica, falham em oferecer ferramentas para investigações profundas em campos de conhecimento que exploram outros tipos de linguagem, como as artes visuais, o teatro e a música. Aqui a cartografia surge como um método eficaz para acompanhar processos de produção de subjetividade (BARROS; KASTRUP, 2009).

Diferente do método da ciência moderna, a cartografia não visa isolar o objeto de suas articulações históricas nem de suas conexões com o mundo. Ao contrário, o objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 56).

Outro aspecto explicitado por Charréu (2019) é a produção de dados. Ao contrário das metodologias científicas mais tradicionais, nos quais os dados são recolhidos, analisados e possivelmente refutados, a cartografia dedica-se na produção desses dados. Essa configuração surge em minha pesquisa pela produção de dados durante a atividade de estágio em uma turma de Ensino Médio. Dados esses que surgirão a partir da escrita de um diário onde farei anotações sobre minha experiência durante as investigações e vivências na escola. O diário se mostra aqui como uma ferramenta de registro que possibilita a transformação das “observações e frases captadas na experiência de campo em conhecimento e modos de fazer” (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 70). Nele, estão presentes minhas observações sobre o espaço escolar no qual estou inserida, registros das interações com outros(as) professores e reflexões sobre os resultados, além das discussões que surgirão em aula com os estudantes. Desta forma, ao mesmo tempo que trabalharei a relação aluno/escola em sala de aula, desenvolverei também minha própria conexão com o mesmo espaço. Em diálogo com essa abordagem, também farei três entrevistas semiestruturadas com membros da comunidade escolar que me auxiliarão em compreender o entendimento e relação de outros atores com este ambiente. Esses atores são: a coordenadora pedagógica do Ensino Médio, a professora titular da disciplina de Artes e um servidor o qual ainda será selecionado.

Através dessas aproximações, investigarei os atravessamentos que perpassam o campo do ensino de arte e da fenomenologia para compreender e estudar outras formas de fazer a respeito da relação de pertencimento com o mundo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O principal foco dessa fase inicial da pesquisa é compreender de que forma o ensino de artes e a sensibilização estética a partir dos conteúdos específicos das artes visuais podem colaborar para o desenvolvimento de uma relação mais íntima e profunda com o meio ambiente que no dado contexto se passa no ambiente escolar. Para isso, escolhi iniciar essa investigação por uma revisão bibliográfica que desse conta de elucidar não apenas o potencial transformador do ensino de artes para o desenvolvimento integral do ser humano

enquanto indivíduo, mas também o quão potente a educação artística e estética pode ser para a criação de vínculos com o ambiente e outros seres que o habitam, fortalecendo a noção de pertencimento e responsabilidade com o mundo. Ao me dedicar nesses atravessamentos, encontrei na fenomenologia, conceitos facilitadores para o diálogo entre meus temas de interesse. Conceitos esses abordados por Carvalho, Grün e Avanzi (2009) ao explicarem sobre a “noção de paisagem como engajamento e pertencimento ao corpo do mundo”. Nesse sentido, encontro no ensino de artes uma possibilidade para cultivar o olhar atento para o mundo que não apenas nos cerca, mas que também habita em nós.

Outro importante momento para o desenvolvimento da pesquisa é a produção dos registros de minhas experiências e observações realizadas em ambiente escolar durante a atividade de estágio. Aqui, escolho a produção do diário e a atenção fluida enquanto principais ferramentas cartográficas para a produção de dados e modos de fazer. Esses registros ocorrem principalmente durante o andamento das aulas, em que oriento minha prática docente a partir da metodologia cartográfica deleuze-guattariana, alinhando-a com a abordagem dialógica de Paulo Freire. Escolho construir esse diálogo por acreditar na potencialização de uma aprendizagem mais livre e não-linear, em que os alunos possam expressar seus desejos e pretensões e, ao mesmo tempo, investigar e mapear o espaço de maneira lúdica e afetiva.



Figura 1 – Atividade de leitura de imagens com o tema “Paisagem” realizada em sala de aula (acervo da autora)

4. CONCLUSÕES

Esse estudo está sendo realizado principalmente pela minha vontade de compreender como os atravessamentos entre o ensino de artes, a educação estética, a fenomenologia e a cartografia podem ser significativas na construção de uma educação que tenha como força orientadora a curiosidade e o pertencimento com o mundo.

Com o encaminhamento das pesquisas e atividades práticas realizadas em estágio, orientadas pelas leituras que aqui trago, é possível notar um interesse entre os alunos em compreender como produções em artes visuais se relacionam com o espaço em que convivem, os possibilitando desenvolver um outro olhar para o ambiente escolar.

Como forma de trazer mais complexidade para este estudo, pretendo, numa próxima fase da pesquisa, adensar meus conhecimentos acerca da fenomenologia direcionada pela produção de Merleau-Ponty em *A fenomenologia da percepção* (2018). De maneira que se busque um vínculo entre os conhecimentos gerados em sala de aula, durante as atividades propostas em estágio, e a construção do pertencimento e proximidade com o ambiente. Planejo também encontrar nos estudos sobre Educação-Estético-Ambiental algum fundamento para justificar a importância dessa prática para o dado contexto de crise socioambiental.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, I. C.; GRÜN, M.; AVANZI, M. R. Paisagens da compreensão: contribuições da hermenêutica e da fenomenologia para uma epistemologia da educação ambiental. **Cadernos CEDES**. Campinas. v. 29, n. 77, p. 99–115. 2009.

CHARRÉU, L. A cartografia e a artografia como métodos vivos de investigação em arte e em educação artística. **Diacrítica**. Minho. v. 33, n. 1, p. 83–103., 2019

MERLEAU-PONTY, M. **A Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Editora WMF. Martins Fontes, 2018. 5ª ed.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro. n. 19, p. 20–28, 2002.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L.. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015. 4a ed.